



REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS
V.1, N.2, 2018

O CORPO FEMININO NAS ESCOLAS CONFSSIONAIS: A LINGUAGEM NÃO VERBAL DAS FARDAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO NA DÉCADA DE 1950

THE FEMININE BODY IN CONFSSIONAL SCHOOLS: THE NONVERBAL LANGUAGE OF THE IMMACULATE COLLEGE FACES CONCEPT IN THE 1950

Adalucami Menezes Pereira¹ | Gisafran Nazareno Mota Jucá²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a linguagem não verbal, assim como as informações implícitas, da farda do Colégio da Imaculada Conceição, na década de 1950. O CIC, como é conhecido o colégio, surgiu em 1865 e foi fundado pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Dentro desse contexto de escola confessional, a farda funcionava como uma representação da moral e boa educação. Logo, é também intuito deste trabalho verificar como é possível, por meio do fardamento das alunas, perceber questões ligadas à religião, sexualidade e a outros aspectos do feminino, que abordam o corpo. No CIC, as fardas das estudantes, bem como outros aspectos relacionados ao corpo – como o corte de cabelo e a falta de acessórios, por exemplo – eram espécies de símbolos, que representavam a ideologia, crença, mentalidade, imaginário, maneira de educar e os valores do colégio, por isso a importância de uma análise comportamental por meio do vestuário das estudantes.

PALAVRAS-CHAVE

CIC. Linguagem não verbal. Fardas. Corpo.

RESUMEN

The purpose of this article is to analyze the nonverbal language, as well as the implicit information, of the uniform of Immaculate Conception's School in the 1950s. The ICS, as the school is known, was founded in 1865 and was founded by the Daughters of Charity of St. Vincent de Paul. Within this context of religious school, the uniform functioned as a representation of morality and good education. Therefore, it is also the intention of this work to verify how it is possible, through the uniforms of the girl students, to perceive issues related to religion, sexuality and other aspects of the feminine that address the body. In ICS, students' uniforms, as well as other aspects related to the body - such as the haircut and the lack of accessories, for example - were symbols that represented ideology, belief, mentality, imaginary, way of educating and the school's values, thus the importance of a behavioral analysis based on the students' clothing.

PALABRAS-CLAVE: ICS. Nonverbal language. Uniforms. Body.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a linguagem não verbal, bem como as informações implícitas, da farda do Colégio da Imaculada Conceição¹, na década de 1950. É intuito deste

¹ O Colégio da Imaculada Conceição, pioneiro na formação intelectual de jovens, foi fundado em 24 de julho de 1865 e instalado, inicialmente, à Rua Formosa, número 28 e 30, na cidade de Fortaleza, com a dupla finalidade de abrigar, Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências | Icó-Ceará | v.1 | n.2 | p. 01 - 15 | Maio-Ago | ISSN – 2595-0959 | 2018

trabalho verificar como é possível, por meio do fardamento das alunas, perceber questões ligadas à religião, sexualidade e a outros aspectos do feminino, que abordam o corpo.

Sendo o CIC – como é conhecido o colégio – uma escola católica e fundada em 1865, pela Ordem das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo², faz-se necessário desenvolver, também, uma abordagem histórica e social, para que seja plausível compreender algumas práticas educativas – ou até mesmo imposições – realizadas no colégio. É importante ressaltar que nesse tipo de abordagem torna-se essencial a análise da fotografia, já que a imagem é a principal fonte para a pesquisa. Assim, por meio da linguagem visual, é possível interpretar e analisar o contexto no qual estavam inseridas as alunas do colégio na década de 1950.

No CIC, as fardas das estudantes, bem como outros aspectos relacionados ao corpo – como o corte de cabelo e a falta de acessórios, por exemplo – eram espécies de símbolos, que representavam a ideologia, crença, mentalidade, imaginário, maneira de educar e os valores do colégio, por isso a importância de uma análise comportamental por meio do vestuário das estudantes.

DESENVOLVIMENTO

CIC: UM COLÉGIO PARA MENINAS

Quando surgiu, em 1865, o Colégio da Imaculada Conceição tinha por objetivo atender à população feminina e órfã da provinciana Fortaleza. Ele foi o primeiro colégio da capital cearense destinado ao ensino das jovens da época.

Com 152 anos de história, o CIC – sigla do colégio – teve sua origem no século XIX, período no qual D. Pedro I imprimiu uma sequência de leis voltadas para o ensino superior e instrução das primeiras letras, deixando a cargo das câmaras municipais a função de inspetoras do ensino provincial (ANDRADE, 2006). Em Fortaleza, aconteciam epidemias constantemente, isso gerava um grande número de mortos e, por consequência, de órfãos. Por esse motivo, Dom Luis, o bispo da época, decidiu fundar uma escola, especificamente, para as meninas órfãs (SOARES, 1990). Situado como instituição social, o CIC teve relevante papel no mercado de educação privada e das políticas públicas de financiamento do trabalho educacional.

Por ser um colégio cristão e católico, onde as primeiras diretoras possuíam nacionalidade e formação francesas, o CIC implementou, em seu sistema educacional, as mesmas práticas e

educar as meninas órfãs, que deveriam receber, além da educação, o ensino de outras atividades úteis. Disponível em: <http://www.imaculadafortaleza.com.br/modulo.php>. Acesso em: 26/08/17.

² Companhia fundada pelos religiosos Vicente de Paulo e Luiza de Marillac, na França, no século XVII, com o objetivo de acolher os pobres. Disponível em: <http://www.filhasdacaridade.com.br/> Acesso em: 26/08/17.

metodologias que existiam nas escolas confessionais da França. Sendo assim, as meninas que estudavam no colégio eram educadas conforme os padrões estabelecidos por um modelo já estruturado, no caso, o francês. Sobre esse paradigma, Perrot (2008) nos informa que logo cedo, nas escolas, estabelecia-se uma espécie de vínculo entre as meninas e a religião, e que elas eram “educadas nos joelhos da Igreja” (PERROT, 2008, p. 44).

Portanto, o padrão estabelecido na França era instaurado também no CIC, tendo em vista a origem francesa da instituição, já mencionada neste artigo. Tal fato nos permite reconhecer que a Igreja Católica apoderava-se do ensino, no Brasil, uma vez que o Colégio da Imaculada Conceição, por exemplo, passou a construir sedes em diversas cidades brasileiras. Alguns documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), inclusive, ressaltam o papel da Igreja quando mencionam que “em nosso país, educadoras e educadores cristãos acham-se presentes, desde o início da história da nossa educação, exercendo larga influência na evolução e na dinâmica da educação brasileira” (EDUCAÇÃO, 2003, p. 24).

Inseridas nesse contexto, as alunas do CIC eram educadas para que adquirissem certo conhecimento científico, conforme as disciplinas estudadas por elas, mas também uma formação moral, que refletia os paradigmas da doutrina católica, bem como a consciência de ações e comportamentos ligados à condição feminina da época. Quando o Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza – objeto desta pesquisa – foi fundado, o então bispo do Ceará, D. Luís Antônio, estabeleceu o Regulamento das Órfãs. Neste, o Art.5º ressaltava: “O ensino das órfãs consiste no seguinte: instrução religiosa, leitura e escrita portuguesa e francesa, as quatro operações de aritmética, geografia, história sagrada, civilidade, música vocal, lavar, engomar, bordado, tecer, flores, costura e sapatos” (SOARES, 1990, p. 23).

Assim, faz-se necessário ressaltar que as órfãs passavam a ser de total responsabilidade das irmãs vicentinas, pois como o colégio vivia sob o regime de internato, as freiras cuidavam não apenas da formação intelectual das alunas, mas também de toda formação moral. Desta forma, a menina tinha sua educação infantil e adolescente completamente formada dentro dos portões do colégio. “Ao admitir uma menina órfã, o Colégio tornava-se responsável pela sua manutenção durante todo tempo em que nele permanecesse”, quer dizer, até que a aluna terminasse o curso, “ou ao completar vinte e um anos, isso por vontade da própria órfã ou da sua família” (SOARES, 1990, p. 22).

Ou seja, é possível observar, com base nos comentários supracitados, que o ensino das meninas era pautado em condutas que não estavam ligadas, apenas, ao interesse intelectual, mas também a uma prática moral que acolhia desde o estudo religioso às atividades inerentes à vida de uma futura mulher casada do século XIX, pois esse também era um dos objetivos da formação de uma jovem estudante de escola confessional.

As Irmãs de Caridade, proporcionando à mulher cearense uma educação sistematizada, com métodos pedagógicos modernos já conhecidos da civilização que aqui representavam, o desenvolvimento intelectual e social, dando-lhe, ainda, uma sólida formação moral e religiosa, influíram sobremaneira no meio social e familiar da Província. Estimulando atividades intelectuais e incentivando o gosto pelas letras e artes, ministravam paralelamente ao ensino de humanidades aulas de música, piano e pintura (SOARES, 1990, p. 27).

Logo, o ensino desenvolvido pelas freiras do CIC tornou-se conhecido, até porque as irmãs já desempenhavam esse trabalho desde 1852³. Assim, as famílias da chamada “elite de Fortaleza” passaram a sentir a necessidade de um colégio também para as suas filhas. Diante dessa solicitação, as freiras do Imaculada permitiram a inclusão de alunas pensionistas. A partir desse momento, “a cada duas alunas pensionistas, era admitida uma órfã” (SOARES, 1990, p. 26), o que possibilitava às estudantes sem recursos financeiros terem suas despesas pagas pelas mensalidades das meninas abastadas.

Faz-se necessário ressaltar que esta atitude das irmãs também pode ter relação com as necessidades sociais da época. Uma vez que Fortaleza estava deixando de ser província para se transformar em uma cidade mais desenvolvida, era preciso que a educação das moças abastadas estivesse de acordo com os novos objetivos do município. Afinal, as meninas seriam as principais responsáveis pela conduta dos seus futuros lares matrimoniais. Com o desenvolvimento, elas começaram a ter uma vida social ativa, entretanto, também passaram a ser mais observadas.

A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre – a convivência social dá maior liberalidade às emoções –, não só o marido ou pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada (D’IANCAO, 2017, p. 228)

Desta forma, o Colégio da Imaculada Conceição passou a ser a principal instituição educacional voltada ao público feminino de Fortaleza e municípios vizinhos, independente da condição social a qual as alunas fizessem parte. Com isso, o CIC monopolizou a educação das jovens do Ceará.

A FARDA DE 1950: A LINGUAGEM NÃO VERBAL QUE REFLETE A IMAGEM DE UMA ÉPOCA

Ao reconhecer que o CIC era – e ainda é – uma instituição pautada nos valores cristãos e morais da Igreja Católica, torna-se possível afirmar que as estudantes do colégio viviam em um contexto no qual as regras, práticas educativas e os costumes deveriam ser obedecidos sem

³ A fundação do Colégio da Imaculada Conceição no Ceará ocorreu em 1865, entretanto, desde 1852 havia instituições do CIC espalhadas pelo Brasil. (SOARES, 1990).

nenhuma objeção. Com base nessa perspectiva, alguns aspectos ligados à análise comportamental das alunas serão enfatizados neste artigo, dentre eles, aqueles relacionados ao corpo, feminilidade e sexualidade, que serão interpretados, principalmente, por meio das fardas das estudantes da década de 1950.

Para isso, é necessário perceber que o vestuário das meninas era um tipo de comunicação, já que a finalidade desta é “pôr em comum não apenas ideias, sentimentos, pensamentos, desejos, mas também compartilhar formas de comportamento, modos de vida, determinados por regras de caráter social” (ANDRADE; MEDEIROS, 2008, p. 3). Tal afirmação ganha valor quando reconhecemos que a comunicação não acontece apenas por meio das palavras, enfatizando a escrita ou a fala, mas também através de uma imagem. Esta, inclusive, torna-se um exemplo de linguagem não verbal. “A comunicação pela imagem, ou comunicação icônica, é uma realidade, que existe paralelamente à comunicação gestual e sonora” (ANDRADE; MEDEIROS, 2008, p. 4).

Nesse sentido, é possível perceber que a imagem da fotografia não é apenas o reflexo de um momento, mas também uma espécie de apresentação do contexto de uma época. No caso das alunas do CIC, na década de 1950, havia uma preocupação ligada à imagem de valor, conduta, que as meninas deveriam ter e, no caso, não se levava em questão a verdade que existia por trás desse reflexo padronizado no século XX, em relação à mulher.

Tal padronização estava ligada à mentalidade de uma época, a algo inerente a um modo de viver e pensar coletivo, que impunha regras e condutas. Segundo Le Goff e Nora (1995, p. 72), “a mentalidade é aquilo que muda mais lentamente. História das mentalidades, história da lentidão na história”. Por isso, alguns conceitos permanecem, por mais que o tempo passe e as sociedades se transformem. Sobre esse contexto, Perrot (2008, p.50) nos informa a respeito da mentalidade existente a respeito da mulher, no período estudado:

A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências. E isso se acentua mais porque, na cultura judaico-cristã, ela é constrangida ao silêncio em público. Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar. Códigos bastante precisos regem suas aparições, assim como as de tal ou qual parte de seu corpo (PERROT, 2008, p. 50).

Ou seja, fazendo referência à farda, está se tornando o reflexo imediato da postura que o CIC desejava repassar para a sociedade, como se por meio da vestimenta fosse possível reconhecer que aquelas meninas eram retratos de uma educação pautada nos valores exigidos pelas boas maneiras, pelos bons costumes. Entretanto, a rigidez do fardamento não era aceita (completamente) por algumas alunas que encontravam, no desvio de certas regras, caminhos para exercerem a verdadeira personalidade que cabia a cada uma delas. No livreto *A Voz do Colégio* (2008), desenvolvido em comemoração ao Jubileu de Ouro das Normalistas de 1958, as ex-alunas fornecem depoimentos que comprovam uma aceitação parcial das condutas estabelecidas:

Várias de nós estavam impregnadas de uma busca da perfeição [...]. O contraponto foi dado pela “Turma da Carrocinha”, – termo certamente inspirado na crônica do radialista Augusto Borges que à época instituiu uma “Carrocinha” imaginária em seu programa diário, para divulgar as mazelas da cidade. Essa Turma, certamente, representava o conjunto de alunas mais orgânico; pode-se dizer, a nossa consciência crítica, a coletar e por a nu os bastidores da vida escolar cotidiana. Pode-se afirmar que esse grupo expressava a resposta aos excessos dos limites a nós impostos pelas normas disciplinares do Colégio. Pertencer à “Turma da Carrocinha” era privilégio de poucas escolhidas. Sem regulamentos explícitos, observa-se que suas integrantes destacavam-se por uma insubmissão velada, pela ousadia de driblar os familiares e preceptores para praticar algumas “aventuras proibidas”: ir ao cinema e passear na Praça do Ferreira com disfarces introduzidos na farda (retirada dos seis botões azuis, mangas arregaçadas, meias rebaixadas e uso do batom), dançar nas tertúlias dos clubes, etc (A VOZ, 2008, p. 10).

Assim, o fragmento textual supracitado nos informa que a farda era reconhecida como símbolo do CIC e suas normas – construídas a partir de um padrão social imposto desde sua origem –, mas que encontravam uma resistência disfarçada pelo cumprimento, em parte, das regras estabelecidas. Algumas estudantes, sempre que viam a oportunidade, transgrediam as “leis” firmadas pela conduta educacional exigida, e isso acontecia, também, na mudança estética da farda.

Com isso, reconhecemos a natureza mais livre pertencente a algumas estudantes do Imaculada, demonstrando que as imposições nem sempre encontravam um porto seguro na personalidade das alunas de 1950. Isso porque a mentalidade de uma época pode não encontrar aceitação pessoal, uma vez que ela “situa-se no ponto de junção do individual e do coletivo, do longo tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral”. Afinal, o ser humano possui suas próprias convicções individuais e com as alunas do CIC não era diferente.

Logo, é importante enfatizar que ser mulher, em 1950, significava, dentre outras abordagens, cumprir costumes não condizentes – algumas vezes – com a mentalidade das meninas da época.

A APARÊNCIA DO FEMININO REPRESENTADA NA FOTOGRAFIA

Ser feminina. Esta expressão interpreta o principal papel designado à mulher durante muitas décadas e mesmo até hoje. Contudo, o significado da frase é diferente, de acordo com cada época. Perrot (2008) nos diz que no século XX, o primeiro mandamento das mulheres era a beleza, e que as características dessa atribuição foram modificadas com o passar do tempo, pois cada período tem o seu gosto. A autora ressalta que “no século XX, as pernas entram em cena, haja vista à valorização das pernas longilíneas nas peças publicitárias. Progressivamente, a busca da esbeltez, a obsessão quase anoréxica pela magreza sucedem à atração pelas generosas formas arredondadas da bela mulher de 1900” (PERROT, 2008, p. 50).

Com isso, identificamos que a beleza era uma espécie de moeda de troca, pois como já mencionado, a maioria das jovens do século XX desejavam o matrimônio e, para tal, precisavam seguir os padrões não apenas morais, mas também estéticos. A roupa, portanto, tinha o objetivo de modelar a aparência, de forma que as mulheres pudessem corresponder aos padrões. Por isso, em um misto de adaptação à “moda” e, ao mesmo tempo, adequação aos valores morais impostos nesse período, a farda do CIC, na década de 1950, representava a imagem do feminino que uma estudante de escola confessional deveria ter.



Fonte: livreto *A Voz do Colégio*, Edição Especial. Comemoração do Jubileu de Ouro das Normalistas de 1958 (2008)

De acordo com Kossoy (2014, p. 153), “a fotografia está definitivamente inserida na história cultural, pois ela se faz presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas. É sob esta perspectiva mais abrangente que deve ser estudada”. Logo, a foto acima nos permite fazer algumas explanações, como, por exemplo, perceber certa homogeneidade na aparência das meninas. A barriga fina – marcada pela saia de cintura alta e um pouco abaixo dos joelhos –, a blusa de mangas compridas, as pernas somente um pouco à mostra e a falta de acessórios indicam um padrão estético, tanto relacionado à magreza quanto à conduta moral, inerente às alunas da época. Ou seja, por meio da imagem, percebemos a imposição de uma postura.

Algumas estudantes estão mais sorridentes, já outras, nem tanto. Obviamente, não podemos fazer afirmações concretas em relação a essas escolhas de cada uma, no caso, em como aparecer na foto, pois tais escolhas partem de uma análise mais complexa, contudo, é possível elaborar

suposições, uma vez que “a fotografia reúne em seu conteúdo informações múltiplas da realidade selecionada” (KOSSOY, 2014, p. 154).

Sorrir ou não podem ser apenas reflexos da personalidade de cada jovem, entretanto, Bianco e Leite (2004, p.40) afirmam que “após uma leitura inicial, que seria um exercício de identificação, a fotografia admite a interpretação, que resulta de um esforço analítico, dedutivo e comparativo”. Ainda sobre esse contexto, Perrot (2008, p. 25) acrescenta que para as mulheres do século XX, a imagem era, acima de tudo, uma espécie de tirania, que as colocava “em confronto com um ideal físico ou de indumentária ao qual deviam se conformar”. No caso da imagem divulgada, torna-se coerente reconhecer que algo é unificado: as mensagens repassadas pela farda. Esta demonstra a autoridade superior, não apenas de uma instituição educacional, mas também de uma Igreja.

Faz-se necessário lembrar que o Colégio da Imaculada Conceição é uma escola católica, construída com a responsabilidade de formar intelectualmente e moralmente as moças de Fortaleza. Com base nesse fato, era necessário primar pela conduta ilibada das meninas, e isso estava relacionado não apenas às ações das estudantes, ao conhecimento científico transferido a elas, mas também às normas de etiqueta e vestir, o que refletia diretamente na farda, pois “a precaução é um ingrediente antigo na educação das mulheres” (PERROT, 2008, p. 42). Quer dizer que todos os recursos deveriam ser utilizados para tal ação, inclusive o tipo de farda escolhido.

Essa precaução estava diretamente ligada à sexualidade feminina. Se o intuito de uma escola confessional era também preparar as meninas para o casamento, tornava-se essencial que algumas questões fossem preservadas, dentre elas, a virgindade.

A virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. A Igreja, que a consagra como virtude suprema, celebra o modelo de Maria, virgem e mãe. Os pintores da Anunciação, grande tema medieval, representam o anjo prosternado no quarto da jovem virgem, diante de seu leito estreito. Essa valorização religiosa foi laicizada, sacralizada, sexualizada também: o branco, o casamento de branco, no segundo Império, simboliza a pureza da prometida. Preservar, proteger a virgindade da jovem solteira é uma obsessão familiar e social (PERROT, 2008, p. 45).

Dentro desse paradigma estava o CIC. É preciso lembrar que o colégio, com o tempo, passou a abrigar tanto as órfãs, com poucos – ou nenhum – recursos financeiros, quanto as moças de famílias ricas e, nesse caso, não importava a condição social da aluna, a educação moral recebida era a mesma. Esse fato acontecia porque, dentre outras questões, de acordo com Perrot (2008), os homens de posses, no século XX, poderiam até desejar jovens pobres e contrair núpcias com elas, desde que essas moças fossem belas e, muito provavelmente, castas. Por isso, o CIC dispensava os mesmos ensinamentos morais para todas as suas alunas.

É interessante observar, ainda, que a foto das alunas fardadas transmite também outras informações ligadas ao corpo das meninas e que não passam despercebidas da nossa análise, pois

“longe de ser um objeto neutro, a fotografia acolhe significados muito diferentes, que interferem na codificação e nas possíveis decodificações da mensagem transmitida” (BIANCO; LEITE, 2004, p. 40), permitindo-nos variadas interpretações. Por isso mesmo, ver que na imagem repassada quase todas as alunas possuem cabelos curtos é algo que gera inquietude e curiosidade. O corte de cabelo parece até uma continuação do fardamento, já que repassa um padrão, como se fosse uma regra.

Contextualizando o fato a partir das questões históricas que cercam a condição da mulher, é importante ressaltar a simbologia que envolve os cabelos femininos, tendo em vista que durante muito tempo (e até mesmo hoje), a sensualidade feminina estava diretamente ligada a uma longa cabeleira. “Os cabelos são a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução, o pecado” (PERROT, 2008, p. 55). Ou seja, acreditava-se (e em alguns casos, ainda acredita-se) que o cabelo longo seria uma espécie de elemento feito para atiçar o desejo, por esse motivo, talvez, a prática de cortar os cabelos das alunas tenha sido exercida no CIC, pois além de ser uma precaução diante das possíveis investidas amorosas ou sexuais masculinas, ainda representava um tipo de dominação, afinal, “raspar a cabeça de alguém, homem ou mulher, é tomar posse dele ou dela” (PERROT, 2008, p. 52).

Logo, a linguagem visual que interpretamos, por meio da imagem que nos é repassada pelas meninas, pode remeter a esta concepção, de que era preciso “castrar” a sensualidade feminina, para que ela não maculasse a conduta das jovens. O ato revela a condição dominante, que reflete o poder das instituições educacionais da época. “A tosquia é um rito expiatório de purificação. Uma medida higiênica de asseio, de desinfecção e de erradicação do mal. Calcula-se o valor político do corpo da mulher, ponto de honra, objeto de poder. E em particular o valor de seus cabelos” (PERROT, 2008, p. 62).

Ser mulher é condição que requer poder de resistência. As notícias que os jornais veiculam hoje confirmam essa afirmação. Entretanto, ser mulher na década de 1950 representava também a capacidade de se adaptar às circunstâncias impostas por um sistema centralizador, que via a mulher como objeto de posse, tanto que a educação destinada a ela estava repleta de restrições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo nos possibilitou ter uma visão mais específica sobre as informações implícitas presentes na educação, formação e ações transmitidas pelo Colégio da Imaculada Conceição, conhecido também como CIC, às alunas da década de 1950.

Por meio da fotografia, foi possível conhecer a farda que as alunas usavam na época, bem como alguns costumes como, por exemplo, o corte de cabelo das estudantes. A linguagem não verbal nos permitiu analisar e fazer associações que revelaram mentalidades e conceitos inseridos

no contexto vivenciado pelas meninas. Assim, percebemos que o modelo da farda era uma vestimenta produzida de modo que “protegesse” as alunas do assédio masculino, e transmitisse à sociedade a firmeza moral cujas jovens eram submetidas, ação está muito valorizada pelas famílias da época.

Identificamos, também, que durante tal período, a educação era monopolizada pela Igreja Católica e está tinha total autonomia para exercer suas práticas pedagógicas, educativas e morais. Logo, reconhecemos que a linguagem não verbal da fotografia nos permite perceber muito mais do que o registro de um momento, pois ela consegue fornecer, através de um olhar mais apurado, dados e símbolos capazes de nos proporcionar a análise de condutas, mentalidades, costumes e imposições de uma época.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisco Ari de. DOCUMENTOS. In: **Revista do Arquivo Público do Ceará: história e educação** n 2. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.

ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação em Língua Portuguesa**. Normas para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

A VOZ do colégio. Edição Especial. Comemoração do Jubileu de Ouro das Normalistas de 1958. [S.l.] Órgão de Publicidade do “Grêmio Littero-Recreativo Irmã Simas”, 2008.

BIANCO, Bela Feldman; LEITE, Míriam L. Moreira. **Desafios da Imagem**. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

COLÉGIO DA IMACULADA CONCEIÇÃO. **Sobre**. Disponível em: <<http://www.imaculadafortaleza.com.br/modulo.php>> Acesso em: 26/08/2017

D’INCAO. Maria Ângela. MULHER E FAMÍLIA BURGUESA. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

EDUCAÇÃO, Igreja e Sociedade. Documentos da CNBB. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO. **Institucional**. Disponível em: <<http://www.filhasdacaridade.com.br/>> Acesso em: 26/08/17.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia**. O Efêmero e o Perpétuo. 3ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

_____. **Fotografia e História**. 5ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LEGOFF; NORA. Jacques; Pierre. **História: novos objetos**. Trad. Terezinha Marinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Maria Norma Maia. **Roteiro para uma Visita ao Passado**. [S.l.] Gráfica Editorial Cearense: 1990.

Recebido em: 04 d Abril de 2018

Aceito em: 02 de Maio de 2018

¹ Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: dalumenezes@gmail.com

² Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Titular da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: gisafranjuca@gmail.com